

Flávio e Fê
(à esquerda):
Capital InicialPhilippe
Seabro
(ao fundo):
Plebe RudeMarcelo e Renato:
Legião Urbana

Esses roqueiros e suas mães corujas

Maria Lúcia:

E natural a postura rebelde que assumem

Sempre demos condições para que o Felipe, o Flávio e a Helena desenvolvessem o gosto pela música, mas não de leve imaginávamos que teríamos músicos na família. Agora, estamos curtindo muito o trabalho que os dois vêm desenvolvendo.

A declaração é da bibliotecária Maria Lúcia Lemos, mãe de Fê e Flávio, respectivamente baterista e baixista do Legião Urbana, grupo que acaba de lançar seu primeiro elepe e que, sábado último, apresentou-se no Circus Show. Para um grande público.

Os irmãos Lemos cresceram ouvindo os discos de música erudita, da família, estudando piano e frequentando a Escola de Música de Brasília. "Queríamos dar a eles uma formação musical, ligada aos clássicos, mas desejávamos que seguissem profissionalmente outro tipo de carreira. Eles sempre ouviram, também, o som das grandes bandas de rock, como Led Zeppelin, Emerson, Lake & Palmer, Mamas and Papas, que a gente curtiava junto. Não imaginávamos, porém, que eles fossem virar músicos. Quando fomos para a Inglaterra e ficamos lá um ano, passamos a sentir que a coisa da música era forte na vida dos dois. De lá o Fê trouxe uma bateria."

Quando Flávio e Felipe ingressaram na UnB (o primeiro para fazer Física e o outro Psicologia), Maria Lúcia e o marido, o professor Antônio Briquet de Lemos (atualmente servindo ao Instituto Brasileiro de Informações em Ciências e Tecnologia, órgão ligado ao CNPq), pensaram que a música passaria a ser para eles apenas um hobby. Mas não foi, como conta Maria Lúcia: "A música já fazia parte da vida deles. Integrando o Aborto Elétrico foram, segundo a imprensa, responsáveis por todo esse movimento chamado rock Brasília."

Felipe e Flávio, mesmo após abandonarem os cursos que faziam na UnB, tiveram total apoio da família, com quem sempre tiveram um excelente relacionamento. "Nós sempre nos entendemos muito bem - diz Maria Lúcia -, mesmo na fase punk, um período do difícil porque passaram. A gente não aceitava muito aquele visual excessivamente extravagante, que acabou virando moda. Mas, nem mesmo isso conseguiu abalar a amizade que nos uniu. A gente se gosta muito. Mesmo agora que eles moram em São Paulo, estamos sempre nos comunicando. Em relação ao trabalho deles, tenho uma visão mais crítica, já o meu marido é bem coruja. Para a irmã eles são ídolos. Acredito que os dois, assim como todo o grupo, têm potencial para melhorar a qualidade do trabalho que realizam. Acho que de dois anos para cá eles amadureceram muito. Curti muito o show que o Capital Inicial fez na rampa do Congresso, quando do aniversário de Brasília."

Maria Lúcia vê na postura de Fê e Flávio, enquanto artistas, enquanto integrantes de um grupo de rock, um reflexo de tudo que viram e ouviram ao longo dos últimos tempos no País. "Embora ainda crianças, eles tomaram conhecimento de todos os problemas que vivemos, quando o Antônio era professor da UnB e morávamos na Colina. Posso não aceitar essa ou aquela colocação que eles fazem, mas considero natural, saudável mesmo a postura rebelde que assumem."

Maria do Carmo:

Um QI muito alto, avesso ao estrelismo

— Desde cedo o Júnior demonstrou possuir um QI muito alto. Tinha incrível facilidade para línguas e buscou, sempre, formar uma cultura geral ampla. Por isso mesmo, eu acreditava que ele fosse seguir a carreira diplomática.

Quem fala é a professora (embora não exerça mais a profissão), Maria do Carmo Manfredini, mãe do compositor e vocalista Renato Russo, líder do grupo Legião Urbana. Hoje, mais ligada aos afazeres domésticos, Maria do Carmo, no entanto, mantém-se

o tempo todo atenta em relação ao que acontece no Brasil e no mundo, nas mais diversas áreas.

Sentada num sofá, no seu aconchegante apartamento na 303 Sul (ao lado, a filha caçula, Carmem Tereza, mantém-se atenta à sua pintura em crayon, que já ganhou elogios do irmão e ídolo), relembra, sem muito esforço, passagens da infância de Renato. "Ele sempre foi um monstinho. Na escola primária, além de ser o primeiro da turma, era campeão de redação. Os colegas chegavam a pedir a professora para não concorrer com o Júnior. Ainda quando fazia o primário, fomos para os Estados Unidos. Lá continuou sendo o primeiro da classe e o melhor na redação. Uma vez, a professora pediu que os alunos relacionassem títulos de livros que já haviam lido. Quando o Júnior apresentou sua relação ela se espantou, diante da quantidade de livros que ele já havia lido."

Avesso à prática de esportes, Russo, segundo Maria do Carmo, na adolescência continuou muito dado à leitura e à audição musical. "A leitura, como já falei, é uma coisa que fez parte da vida do Júnior, desde criança. Outra de suas paixões era a música. Me recordo que ainda criança, aos três anos de idade, ele colocava nos nossos discos clássicos na vitrola e ficava ouvindo durante muito tempo. Depois guardava tudo direitinho nas capas. Aquilo nos intrigava um pouco. Quando perguntávamos a ele, como sabia qual a capa em que deveria guardar cada disco, vinha a explicação: era por causa das características de cada uma. Já na adolescência, quando não estava em seu quarto lendo a respeito de cinema, podia ser visto tentando sintonizar a BBC de Londres ou ouvindo nossos discos de Edie Fischer, Frank Sinatra, blues, bolero. E às vezes, acompanhava tentando imitar os cantores. Foi aí, que a gente começou a sentir sua vocação para o canto e observar que tinha uma boa voz."

Muito ligado à família (tem verdadeira admiração pelo pai, o economista Renato Manfredini), Renato só provocou um certo descontentamento quando de sua fase punk, como conta Maria do Carmo: "A gente sempre foi muito unido. Ninguém esconde nada do outro, tudo é muito conversado. Só quando ele viveu a sua fase punk é que houve uma certa ruptura dessa união. A princípio não aceitei aquilo de forma nenhuma. Brigava muito com ele, que não aceitava minhas intervenções. Mas, o Júnior nunca saiu de casa. Depois acabamos por assimilar a coisa do punk, embora não negue, que quando ele saiu dessa, a gente ficou mais feliz."

O envolvimento de Renato Russo com a música, à época do Aborto Elétrico, não foi suficiente para entusiasmar a família Manfredini e em especial Maria do Carmo, que tem uma atitude mais crítica em relação ao trabalho do filho. "Quando ele formou o Aborto Elétrico, eu achei que fosse apenas uma coisa inconsequente de um adolescente. O Renato, meu marido, embora já olhasse aquilo com mais atenção, também não acreditava que fosse dar em alguma coisa. Mas, a partir do Legião Urbana passamos a sentir que o trabalho deles já era um negócio sério, profissional. Muito entusiasmado, o Renato passou a acompanhar o filho e o Legião para tudo quanto é lado. Ele era o chofer do conjunto."

Sobre o processo de criação de Renato, sua mãe não faz segredo. "Geralmente o Júnior é muito introspectivo, muito reflexivo. Quando ele está criando alguma coisa, então a coisa fica mais séria. Ele vai pro seu quarto e fica ali durante dois, três dias. Fuma muito e quase não come. Quando termina o que está fazendo, pode ser no meio da madrugada, ele acorda a gente para mostrar e pedir a opinião e, também, liga para os amigos."

Com relação ao sucesso obtido por Renato e pela Legião Urbana, Maria do Carmo reage com naturalidade. Para ela, o mais importante é sentir que o filho passa por uma fase muito feliz em sua vida. "Eu vejo o sucesso como uma coisa efêmera. Fico contente por ver o Júnior e o Legião sendo reconhecidos pelo trabalho que realizam. Pessoalmente aprecio mais a poética do Júnior. Musicalmente, ele e o grupo ainda podem crescer mais,

como já demonstraram no segundo elepe. Mas o que me deixa satisfeita é sentir que o Júnior está mais solto, mais feliz. Não diria que está realizado, uma vez que ele nunca vai se acomodar. Vai estar sempre criando alguma coisa. Agora na música, acho que ele tem muitos outros projetos. Como é professor de inglês, tradutor, radialista e jornalista, creio que em qualquer uma dessas atividades ele pode ser brilhante. De uma coisa tenho certeza: o Júnior sempre manterá a simplicidade, pois é avesso ao estrelismo."

Silvia Seabra:

Se não fosse músico, seria um engenheiro

O Brasil perdeu um possivelmente, bom engenheiro eletrônico, mas em compensação ganhou destacado vocalista e um dos principais responsáveis (também na qualidade de letrista do grupo) pelo sucesso do Plebe Rude. Trata-se de Philippe Seabra, um americano, filho de brasileiros, que com nove anos veio se radicar em Brasília.

Se por um lado o diplomata Alexandre Seabra vê à distância a caminhada do filho rumo à fama; a mãe, a colunista social (e ex-prefeita do Lago Norte) Silvia Seabra está atenta a tudo o que se refere à Philippe e à sua carreira. Não foi difícil para ela, recordar fatos relacionados com a sua trajetória desde a época em que a família morava em Washington. "O Philippe sempre foi uma criança muito inteligente. Iniciou os estudos lá nos Estados Unidos e quando viemos para Brasília, passou para a Escola Americana. Embora o pai fosse diplomata, desejávamos para ele uma carreira como profissional liberal, se possível um engenheiro eletrônico a exemplo do Alex, o irmão mais velho."

A música entrou, pra valer na vida de Philippe, segundo Silvia, quando ele tinha 12 anos. "Naquele tempo — conta — já tocava no Caos Construtivo (gosto mais deste nome do que Plebe Rude). Os músicos eram os mesmos que formam hoje na Plebe, sendo que haviam duas outras vocalistas."

Silvia faz questão de realçar a excelente relação que Philippe tem com a família. "Ele sempre foi um filho muito amoroso, tanto comigo, com o pai, como também com a Maria do Carmo, sua babá. Embora nunca fosse aos lugares que, como colunista social, costume frequentar, nunca se opôs à minha atividade. Ao contrário, tem o maior respeito por minha profissão, pois sabe que a exerce com dignidade. Quando ele morava aqui, não era muito de ficar em casa, embora os ensaios do grupo, enquanto eles não alugaram uma sala, fossem aqui. Mas, agora, depois que se mudou para o Rio, parece que a nossa casa para ele se transformou num santuário."

Quanto ao conteúdo das letras de músicas feitas pelo filho, Silvia observa: "O Philippe sempre foi muito atento às coisas que acontecem no País e no mundo. Nunca foi um menino alienado e nesse ponto fico contente em tê-lo influenciado. Nas minhas colunas, antes de tudo, procuro ar, argumentar, questionar, cobrar. Não estranho, portanto, que o aspecto contestatório predomine nas letras das músicas do Plebe Rude. Uma de suas novas músicas se chama A UDR que se Ferre. Já senti, não é? Mas o Philippe foi gerado numa época de contestação. Participei de todas as passeatas e manifestações feitas em Washington, contra a Guerra do Vietnã. Em Paris, fui presa, em 1968, quando do Moratorium Day. Meu marido fazia parte da delegação que foi a Paris participar das negociações de paz em torno da Guerra do Vietnã. Então houve aquela manifestação. Como estava nas ruas, distribuindo panfletos, fui presa. Nessa época, o Philippe estava na minha barriga. Deve ter recebido os fluidos."

Embora não negue que esteja curtindo o sucesso que Philippe e sua banda vêm conseguindo, Silvia Seabra faz questão de deixar expresso o que sempre desejou para o filho: "Sempre quis que o Philippe fosse um saudável ser humano. E isso eu sei que ele é."

“Eles sempre ouviram o som das grandes bandas de rock. Mas, não imaginávamos que eles fossem virar músicos”

Maria do Carmo



“A partir do Legião Urbana, sentimos que o trabalho deles já era um negócio sério, profissional”

Silvia Seabra



“O Philippe sempre foi atento ao que acontecia no País e no mundo. Nunca foi um alienado. Daí, o tom contestatório de sua música”



“Assim que sentimos que o Marcelo estava mesmo interessado em ser músico, passamos a lhe dar a maior força”

Leda Bonfá:

Molequinho, já tirava um som nas panelas

Quando criança, Marcelo Bonfá tirava som batucando em panelas. Chegou até a ser fotografado nessa estrepitosa. A foto ele juntou a outras do, hoje, conhecido baterista do Legião Urbana no painel que mantém em seu apartamento na Gávea — Rio de Janeiro. Como se observa, desde cedo já demonstrava seu interesse por instrumentos percussivos.

Mas, músico, definitivamente, não era a profissão que Leda Bonfá pretendia que seu filho escolhesse. Funcionária da Câmara dos Deputados, servindo no gabinete do deputado Francisco Amaral, do PMDB de São Paulo, ela confessa ser a maior fã de Marcelo, a fã nº 1.

"Eu nunca imaginaria músico — diz Leda —, uma vez que tanto eu como o pai (o funcionário do Banco do Brasil, Angelo João Bonfá), queríamos vê-lo encaminhado para exercer uma profissão liberal, embora não determinássemos qual deveria ser. O que queríamos é que fizesse um curso universitário bem feito e se tornasse um excelente profissional. Ele fez o segundo grau e nunca deu trabalho no colégio. E um ótimo desenhista. Também gostava de praticar esporte e chegou a participar de competições de natação sob a orientação do professor Marcelo Coelho Neto, na AABB, aqui em Brasília."

A tendência de Marcelo para a música, de acordo com Leda, pode ser verificada ainda na primeira infância. "Molequinho, ainda, ele vivia tirando som nas panelas. Aos três anos ganhou um gravadorzinho e gostava de ficar ouvindo música. Na época quando ouvia músicas da Rita Pavone, começava a dançar."

Seu encaminhamento para a música, porém, só veio ocorrer no final da década passada, como conta a mãe: "O Marcelo ficava ouvindo os discos do Sex Pistols, do Police, de grupos ingleses em geral e também muito reggae. Geralmente eram discos importados. Ele sempre foi muito solto. Vivía freqüentemente reunido com o pessoal que formou o Aborto Elétrico e outros músicos, tocando lá na Colina, na UnB."

No seu bem decorado apartamento, na 315 Norte, em meio a fotos antigas de Marcelo e de Alexandre (o irmão mais novo do baterista, que faz curso no para o vestibular de Medicina), Leda segue falando do filho: "Assim que sentimos que o Marcelo estava mesmo interessado em ser músico, quando ele começou a participar dos primeiros conjuntos, passamos a lhe dar a maior força. Logo, compramos uma bateria e peças de que ele necessitava. Os ensaios do Legião Urbana, inicialmente, eram aqui em casa, enquanto eu e o pai estávamos trabalhando. Felizmente, os vizinhos nunca reclamaram. O primeiro show deles que eu e o Angelo vimos foi no Food's (onde é hoje o Max Burguer, na 110/11 Sul) e me lembro que ficamos muito orgulhosos."

Orgulhosa é pouco para Leda, que continuou seguindo de perto a carreira do filho. Até hoje, sempre que o Legião Urbana faz um grande show no Rio ou em São Paulo, ela se desloca para aquelas cidades, a fim de ver a performance do baterista e do seu grupo. Muito ligado ao filho, fala dele com carinho. "É muito forte a ligação afetiva do Marcelo com a família. Ele se dá muitíssimo bem com o Alexandre, que tem muita admiração pelo irmão. Quando mudou para o Rio, pensei, a princípio, que ele não iria se adaptar, mas, felizmente, agora já está perfeitamente integrado com a nova realidade. Mas, constantemente está ligando para gente, contando, antecipadamente, as coisas que a televisão vai mostrar sobre o Legião."

Leda não esconde sua condição de fã nº 1 do filho, ao observar: "Foi preciso que, numa enquete feita por umas revistas, a Monique Evans disse que o Marcelo é, para ela, um dos homens mais bonitos, para que televisão passasse a mostrá-lo na quando da gravação dos programas de clips. Por falar nisso go muito dos últimos clips feitos por Marcelo e pela Manchete."